

A tela no poder

Gustavo Dahl

O poder se conquista na tela. A frase é de Joaquim Pedro de Andrade, no final de uma daquelas tediosas reuniões sobre política cinematográfica brasileira.

"Basta fazer um filme bom, que o país inteiro vem atrás". Tinha acabado de lançar Macunaíma, e que juntava a Semana de Arte Moderna de 22 ao Cinema Novo. Revoluções antropofágica do Neo-realismo e da Nouvelle Vague que ~~trouxeram~~ trouxeram o Brasil à contemporaneidade cinematográfica. Cinquenta anos depois ainda se fala mal do movimento, que além de renovar a linguagem e democratizar a produção sacou que o desenvolvimento do país passaria ferozmente por suas telas. A tela como inesgotável fonte de poder.

Em recente artigo no Le Monde, Manoel Castells formulava o surpreendente conceito de comunicação eletrônica de massa individual. O aparente paradoxo se referia aos três bilhões de computadores e telefones celulares, todos com tela, atualmente em uso no planeta Terra. Metade de sua população. A universalização destes equipamentos em tempo

relativamente curto não aparece como uma fantasia tecnológica desvainada. Pelo contrário, talvez seja uma projeção do óbvio. Cada habitante da Terra. Dos ianomamis da floresta amazônica em sua fronteira remota com a Venezuela, aos pigmeus do deserto africano do Kalahari e os esquimós do estreito de Bering, todos com o seu lap-top, com tela, teclado, transmissor e receptor sem fio. Tempos interessantes, perigosos, admirável mundo novo. Todos podendo ~~capturar~~ registrar, armazenar e transmitir além de signos, letras, algarismos, sons e imagens em movimento. Gil- do Meirelles concebeu uma obra conceitual que é uma torre composta de mais de setecentos aparelhos de rádio, de várias potências, todos funcionando e sintonizados em estações diferentes. Chamou-a de "Babel".

O Brasil tem extrema dificuldade em conquistar uma vaga permanente no Conselho de Segurança da ONU, enquanto não fizer política audiovisual como fazem os outros membros, principalmente Estados Unidos e França, mas também China, ~~Reino~~ Inglaterra e Rússia. O caso americano é paradigmático; no século XX sua produção cinematográfica não só constituiu internamente o ethos do país como o impôs internacionalmente. A França inventou o cinema e também a sua gestão política e institucional. Há mais de cinquenta anos tem o seu ~~Centro Nacional de~~ Centre Nationale de Cinématographie, no âmbito do ~~Estado~~ governo e o seu Centre National de l'Audiovisuel, ~~no~~ naquele do poder legislativo. A China atualmente limita a entrada dos blockbuster americanos e proibiu a cir-

lação de longa-metragens de animação para abrir espaço para sua própria produção. A Inglaterra, como sempre, tem a vantagem e padecer da sua estreita ligação com os Estados Unidos, cinematograficamente também. Afinal foram eles que inventaram o inglês, fizeram a Revolução Industrial e criaram o Império onde o sol nunca se põe. A Rússia, estamos seguros um por aí...

O cinema é o vertice da pirâmide audiovisual, da qual a base é a televisão aberta. Mas a televisão aberta é um fenômeno ligado à noção de território nacional. A televisão paga, por cabo, por satélite, mistura a oferta de canais puramente locais com a disponibilização de canais do mundo inteiro. Nela se confundem o local e o global. A televisão digital, entendida além de um mero aperfeiçoamento técnico como já houve com o som, cores, modo no centenário cinema e na invenção da televisão, como uma multiplicação do acesso a diferenciados e novos conteúdos e como uma aplicação imediata da interatividade, rompe as convenções já estabelecidas. A imbução de um consumo de conteúdo proposto (empurrado) com o consumo de um conteúdo solicitado (puxado) especificamente, ~~significativa~~ seguramente modificará as modalidades de distribuição e consumo do produto cinematográfico e audiovisual, a exemplo do que já acontece com a indústria fonográfica. O down load de filmes e vídeos pela internet, autorizado ou clandestino - pirata - é uma metáfora enxaicada de romantismo - já é tempo presente. É literalmente um tapa na pantera da im-



(5)
vinho e azeite, sob o qual se construiu
a Magna Quercia. A invenção de técnicas
de refrigeração ~~que~~ permitiram que a
Argentina, nas primeiras décadas do
século XX se tornasse a quinta econo-
mia mundial pela exportação da carne
do gado que se multiplicava na extensão
da planície de seus pampas. A lista poderia
se estender indefinidamente.

cinemateca
brasileira

A Tela no Poder

Gustavo Dahl

O poder se conquista na tela. A frase é de Joaquim Pedro-de Andrade, no final de uma daquelas tediosas reuniões sobre política cinematográfica brasileira. “Basta fazer um filme bom, que o país inteiro vem atrás”. Tinha acabado de lançar Macunaíma, que juntava a Semana de Arte Moderna de 22 ao Cinema Novo. Revolução antropófaga do Neo-realismo e da Nouvelle Vague que levou o Brasil à contemporaneidade cinematográfica. Cinquenta anos depois, ainda se fala mal do movimento, que além renovar a linguagem e a democratizar a produção, sacou que o desenvolvimento do país passaria forçosamente por suas telas. A tela como inesgotável fonte de poder.

Em recente artigo no *Le Monde*, Manoel Castells formulava o surpreendente conceito de comunicação eletrônica de massa individual. O aparente paradoxo se referia aos três bilhões de computadores e telefones celulares, todos com tela, atualmente em uso no planeta Terra. Metade de sua população. A universalização destes equipamentos em tempo relativamente curto não aparece como uma tentativa tecnológica desvairada. Pelo contrário, talvez seja uma projeção do óbvio. Cada habitante da Terra. Dos ianomâmis da floresta amazônica em sua fronteira remota com a Venezuela, aos pigmeus do deserto africano do Kalahari e os esquimós do estreito de Bhering, todos com o seu lap-top, com tela, teclado, transmissão e recepção sem fio. Tempos interessantes, perigosos, admirável mundo novo. Todos podendo registrar, armazenar e transmitir além de signos, letras, algarismos, sons e imagens em movimento. Cildo Meirelles concebeu uma obra conceitual que é uma torre composta de mais de seiscentos aparelhos de rádio, de várias épocas, todos funcionando e sintonizados em estações diferentes. Chamou-a de “Babel”.

O Brasil terá extrema dificuldade em conquistar uma vaga permanente no Conselho de Segurança da ONU, enquanto não fizer política audiovisual como fazem os outros membros, principalmente Estados Unidos e França, mas também China, Inglaterra e Rússia. O caso americano é paradigmático: no século XX sua produção cinematográfica não só constituiu internamente o *ethos*, como o impôs internacionalmente. A França inventou o cinema e também a sua gestão política e institucional. Há mais de cinquenta anos o seu Centre Nationale de Cinematographie, no âmbito do governo e seu Centre National de l'Audiovisuel, naquele poder legislativo. A

China atualmente limita a entrada dos blockbusters americanos e proibiu a circulação de longas-metragens de animação para abrir espaço para sua própria produção. A Inglaterra, como sempre, tem a vantagem e padece de sua estreita ligação com os Estados Unidos, cinematograficamente também. Afinal foram eles que inventaram o inglês, fizeram a Revolução Industrial e criaram o Império onde o sol nunca se punha. A Rússia, estejamos seguros, vem por aí...

O cinema é o vértice da pirâmide audiovisual, da qual a base é a televisão aberta. Mas a televisão aberta é um fenômeno ligado à noção de território nacional. A televisão paga, por cabo, por satélite, mistura a oferta de canais puramente locais com a disponibilização de outros canais do mundo inteiro. Nela se confundem o local e o global. A televisão digital, entendida além de um mero aperfeiçoamento técnico como já houve com o som, cores, formato no centenário cinema e na cinquentona televisão, como uma multiplicação do acesso a diferenciados e novos conteúdos e como uma aplicação imediata da interatividade, rompe as convenções já estabelecidas. A imbricação de um consumo de conteúdo proposto (empurrado) com o consumo de um conteúdo solicitado (puxado) especificamente, seguramente modificará as modalidades de distribuição e consumo do produto cinematográfico e audiovisual, a exemplo do que já acontece com a indústria fonográfica. O *down load* de filmes e vídeos pela internet, autorizado ou clandestino – pirata é uma metáfora encharcada de romantismo – já é tempo presente. É literalmente um tapa na pantera da indústria cultural instalada que inclui livros e discos. A própria dispensabilidade do suporte feita por aparelhos individuais e portáteis de gravação e reprodução sonora, tornando supérflua a existência de uma matriz e sua reprodução, tornando intangível a concretude da produção do sinal, vai além do pensamento de Walter Benjamin sobre a reprodutibilidade da obra de arte. A compreensão dos sinais aumentando indefinidamente a capacidade de armazenamento e portanto de sua transmissão, assegura a perenidade da existência das obras e portanto de sua exploração comercial. Esta se projeta no tempo e adquire um rabo comprido, o long tail recém descoberto.

Na história da espécie humana há inúmeros exemplos de como a evolução tecnológica transforma a produção e cria mercados. O macaco que enfia um graveto num cupinzeiro para colher os insetos que serão sua fonte de proteína não está longe do momento em que o homem primitivo deixa de ser caçador e coletor para se dedicar à agricultura e ao pastoreio. As técnicas de construção naval e navegações fenícias, combinadas àquelas de cerâmica e vedação, desenvolvidas pelos gregos, criaram o

mercado de vinho e azeite, sobre o qual se construiu a Magna Grécia. A invenção de técnicas de refrigeração permitiu que a Argentina, nas primeiras décadas do século XX se tornasse a quinta economia mundial pela exportação da carne do gado que se multiplicava na extensão da planura de seus pampas. A lista poderia se estender indefinidamente.

cinemateca brasileira